

RELATO DE PESQUISA

A materialidade linguística pelo viés da opacidade: uma abordagem da aquisição da escrita

Lúcia Regiane LOPES-DAMASIO 

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Carolina da Costa PEDRO 

Universidade Estadual Paulista (UNESP)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne Cavalcante (UFPB)
- Alessandra Del Ré (UNESP)
- Christelle Dodane (U PARIS 3)

AVALIADO POR

- Giovane Fernandes Oliveira (UFRGS)
- Paula Soares da Silva (UFPB)

SOBRE OS AUTORES

- Lúcia Regiane Lopes-Damasio
Conceptualização, Escrita - rascunho original, Escrita - análise e edição.
- Carolina da Costa Pedro
Curadoria de dados.

DATAS

- Recebido: 30/10/2023
- Aceito: 12/03/2024
- Publicado: 09/09/2024

COMO CITAR

Lopes-Damasio, L. R.; Pedro, C. C. (2024). A materialidade linguística pelo viés da opacidade: uma abordagem da aquisição da escrita. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 797-821, 2024.

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar, numa perspectiva linguístico-discursiva, os mecanismos de junção, em textos da Tradição Discursiva (KABATEK, 2005) *prescritiva*, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito, em consonância com a heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 1997). Assim, pretende confirmar a hipótese de que o sujeito se movimenta pelo que reconhece como fixo e lacunar do texto, deixando rastros dessa circulação em seu processo de aquisição do modo escrito de enunciar. Para tanto, o *corpus* é constituído de textos escritos por alunos do quarto ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de São José do Rio Preto (São Paulo). Por meio de metodologia quali-quantitativa, a abordagem linguística mostrou que, no âmbito tático, predomina a arquitetura paratática sobre a hipotática e, no semântico, são mais frequentes os sentidos de adição e tempo; e a abordagem discursiva desses resultados deixou ver que a TD *prescritiva* constitui-se na mescla com a *descritiva*. Por fim, os resultados da abordagem linguístico-discursiva indicam que essa mescla acontece em conformidade com o funcionamento tático-semântico dos MJs, enquanto um dos fenômenos que caracterizam a aquisição da escrita.

ABSTRACT

This article aims to discuss, from a linguistic-discursive perspective, the junction mechanisms, in written texts of the *prescriptive Discursive*

Tradition (KABATEK, 2005), through traces of the oral/spoken and literate/written relationship, in line with the heterogeneity of the writing (CORRÊA, 1997). Thus, it intends to confirm the hypothesis that the subject moves through what he recognizes as fixed and incomplete in the text, leaving traces of this circulation in the process of acquiring the written way of enunciating. For this purpose, the corpus is made up of texts written by students of the fourth year of Elementary School, from a public school in São José do Rio Preto (São Paulo). By means of qualitative and quantitative methodology, the linguistic approach showed that, in the syntactic scope, the paratactic architecture predominates over the hypotactic one and, in the semantic, the senses of addition and time are more frequent; and the discursive approach of these results showed that the prescriptive Discursive Tradition is a mix with the descriptive Discursive Tradition. Finally, the results of the linguistic-discursive approach indicate that this mixture happens in accordance with the tactical-semantic functioning of the junction mechanisms as one of the phenomena that characterize the acquisition of writing.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da escrita. Heterogeneidade da escrita. Junção. Tradição Discursiva.

KEYWORDS

Acquisition of writing. Heterogeneity of writing. Junction. Discursive Tradition.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este trabalho focaliza as diferentes formas de juntar partes de textos reconhecidos como pertencentes a uma tradição de dizer/escrever denominada prescritiva. Para isso, relaciona o uso dessas técnicas juntivas a práticas orais e letradas, com o objetivo de mostrar que, no processo de aquisição da escrita, o escrevente se movimenta pelo texto e deixa marcas, nesse texto, dessa sua movimentação. Foram analisadas produções textuais escritas por alunos do quarto ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de São José do Rio Preto (São Paulo). Os resultados mostraram que predominam formas mais frouxas, estruturalmente, de juntar porções textuais, em uma intrínseca relação entre os sentidos e o processo de construção do texto, numa movimentação que caracteriza um dos fenômenos da escrita em aquisição.

Introdução

Neste trabalho, recuperamos da discussão proposta por Lemos (1998), sobre a aquisição da escrita, sua afirmação de que, uma vez transformados pela escrita em pessoas que podem escrever, não é possível subtraímo-nos aos efeitos dessa escrita, assim como também não é possível que a concebamos, novamente, de igual maneira a quando não sabíamos escrever. Nesses termos, a autora defende a ideia de que, a partir da alfabetização, os sinais, antes opacos, passam a se apresentar como transparentes para o alfabetizado.

Partindo dessa afirmação, defendemos a urgência da compreensão de que a caracterização desses sinais como transparentes seja tomada como um efeito do funcionamento simbólico da escrita sobre o escrevente e não como uma característica da escrita em si. Se transferida para o âmbito das características da escrita em si, a transparência se limitaria a apenas parte das relações entre grafemas-fonemas, que também não são sempre transparentes do ponto de vista representacional, já que aí há uma série de relações não biunívocas – e, portanto, também opacas –, conforme critérios de naturezas distintas. Para além desse tipo de relação, defendemos a manutenção, em diferentes práticas de escrita/leitura, da mesma relação opaca com tais sinais, se pensamos, nessas práticas de escrita, para além de sua compreensão alfabética.

Essa afirmação significa que estamos propondo, de início, para este trabalho, uma perspectiva da aquisição da escrita que, por um lado, ultrapassa o período da alfabetização propriamente dito e, por outro, questiona a percepção daquele que lê/escreve de que a escrita é transparente. Com essas duas proposições, ambas tomadas como uma extensão de Lemos (1998), reconhecemos que, além de evitarmos a projeção, sobre o sujeito que não sabe escrever, de nossa própria relação com a escrita – o que, muitas vezes, nos impede, enquanto alfabetizados, de entender ou atribuir sentidos aos indícios do momento particular da relação que o escrevente, em aquisição da escrita, mantém com (sua) escrita – evitamos, ainda, a repetição de uma prática de avaliação dos textos escritos, pelos sujeitos em aquisição da escrita, como textos caracterizados pelo erro, pelo desvio e pela inadequação, a partir de um modelo de escrita institucionalizado e, muitas vezes, normatizado.

Assim, qualquer metodologia, seja daquele que alfabetiza, seja daquele que se coloca no lugar do analista, deve, de acordo com Lemos (1998), partir de uma interrogação sobre o que é aprender, sobre o que é ensinar e sobre como um tem a ver com o outro quando esse jogo simbólico coloca em foco a “transformação ‘opacidade – transparência’”. A suspensão da transparência torna-se, pois, segundo Lemos (1998), aspecto imprescindível da metodologia (de ensino ou de pesquisa), dado que não há nada que se apresenta como escrita que aponte para a fala, em práticas de oralidade, que ela passa a “representar” para o alfabetizado, seja no âmbito da relação grafema-fonema, seja muito além dele, no âmbito em que, entre o sistema e sua atualização, em processos de textualização, ocupa espaço, na materialidade linguística do texto, a história de constituição do sujeito pela própria escrita.

Na base da construção desse lugar de investigação, marcado pelo foco na movimentação do sujeito que escreve no processo de textualização, estão, portanto, duas ideias, já resgatadas em trabalhos anteriores (cf., por exemplo, LOPES-DAMASIO, 2019), remontando os trabalhos de Lemos

(para a aquisição da linguagem, de um modo geral, e para a aquisição da escrita, mais especificamente): as ideias de “transformação” e “mudança”. Ao tratar a aquisição da escrita, bem como a aquisição de linguagem em geral, como transformação e mudança que se opera através do funcionamento simbólico, Lemos (1998) projeta uma definição de sujeito e de objeto – para esse sujeito – como efeitos desse funcionamento. Não se parte, portanto, da interação entre sujeito-e-objeto, mas do funcionamento da linguagem/língua, de acordo com um “fazimento” constante dessa relação a cada ato/acontecimento de escrita. Com esse pressuposto, abrimos mão da visão de um sujeito que, em determinado momento de seu processo de alfabetização ou mesmo de aquisição da escrita, se apropria de um objeto (a escrita), reduzindo-o a um conhecimento estável e esgotado (LEMOS, 1998).

Esse pressuposto, voltado a uma reflexão que não exclui as questões textuais/discursivas da investigação sobre a língua, tal como proposto em Lopes-Damasio (2019), sinaliza um compromisso com a heterogeneidade. Em outras palavras, significa, na linha de Lemos (1998), um objetivo de olhar para a aquisição da escrita como parte de um processo de subjetivação; e, na linha de Corrêa (2004), um objetivo de olhar para essa escrita, em aquisição, a partir da circulação do escrevente por imaginários que permitem, ao analista, reconhecê-la em sua heterogeneidade constitutiva.

O conceito de “escrita constitutivamente heterogênea”, conforme Corrêa (2004, p. 9), é definido como o encontro entre práticas sociais do oral/falado e letrado/escrito, à luz da dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, a partir da imagem (representação) que o escrevente faz da (sua) escrita. Essa representação, que deixa marcas linguísticas na superfície do texto – por meio das quais os caminhos do discursivo se deixam perceber –, habilita proposições a respeito das relações entre sujeito e escrita, nas práticas sociais de que participam.

Metodologicamente, Corrêa (2004) propõe três eixos de observação da circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita. O E1 – eixo da gênese da escrita – se refere à apropriação da escrita como representação¹ da fala, em práticas sociais de oralidade, e diz respeito aos momentos em que o escrevente iguala os modos falado e escrito de realização da linguagem verbal, numa recuperação imaginária do modo de constituição da escrita em sua suposta gênese. Aqui escrita e fala estão plasmadas. O E2 – eixo do código escrito institucionalizado –, concebido inversamente ao E1, caracteriza-se pela apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado, tomado como processo de fixação metalinguística da escrita pelas várias instituições – dentre elas a escola, focalizada neste trabalho. Aqui, no texto escrito, são constatadas marcas de seu alçamento a um modelo de escrita. O E3 – eixo da dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido – caracteriza-se pela dialogia, por meio da qual o escrevente, embora aceite sua escrita como ato inaugural, sujeita-se às suas experiências orais e letradas, via fala e escrita, e, conseqüentemente, à emergência incontrolável da heterogeneidade das práticas sociais no produto da sua escrita. Neste trabalho, o dialogismo será considerado a partir de um diálogo crítico com o conceito original de tradição discursiva (cf. LOPES-DAMASIO, 2019).

¹ Na leitura que fazemos de Corrêa (2004), entendemos que, no eixo 1, a imagem do escrevente sobre a escrita é caracterizada por aquilo que o escrevente imagina ser a “reprodução da fala pela escrita”.

A definição dos textos como tradição de dizer/escrever segue o conceito de “tradição discursiva” (TD), inicialmente proposto por Koch (1997), Oesterreicher (1997) e Kabatek (2005)², em um diálogo teórico que habilita sua extensão à abordagem aquisicionista, a partir de uma relação crítica entre os estudos da mudança linguística ao longo do tempo e os estudos de aquisição da linguagem pelo ser humano, em ambos os casos, em diferentes línguas. Para a mobilização do conceito aos estudos aquisicionistas, é necessário, como propomos, extrapolar a natureza linguístico-pragmática de sua aplicação, tal como se dá nas investigações da linguística histórica alemã, e alcançar proposições discursivas.

Uma vez que as questões textuais/discursivas ganham papel fundamental na abordagem pretendida, recuperamos um outro pressuposto: o de que as práticas discursivas orais estão na origem das relações entre o escrevente (em aquisição da escrita) e seu texto. Para Mayrink-Sabinson (1998) e Rojo (1998), é por meio dessas práticas que o texto deixa seu estado de “coisa” para se transformar em “objeto que significa”. Não se trata, como destacam as autoras, de uma oralidade que desvenda o texto escrito, nem que é por ele representada, mas de uma prática discursiva oral que o torna significativa “para” um sujeito. Em outros termos, significa que a circulação dos escreventes por práticas orais está na base da “transformação opacidade – transparência” e deixa “rastros”, no material linguístico.

Neste trabalho, selecionamos, dentre esses rastros, aqueles que assumem a funcionalidade de mecanismos de junção (MJs). À luz da perspectiva linguística, sobretudo da funcionalista, os MJs são definidos como quaisquer técnicas usadas para juntar porções textuais de natureza oracional, podendo corresponder a distintas categorias gramaticais³. Partimos dessa perspectiva (cf. HALLIDAY, 1985; KORTMANN, 1997; RAIBLE, 2001) para, como já anunciamos, estendê-la a um tratamento discursivo dos MJs, tomados como “rastro” da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciar, em aquisição, enquanto indício do que se reconhece como “fixo” e “lacunar” do texto (LOPES-DAMASIO, 2019). Em outras palavras, como indício daquilo que reflete, no uso das formas de junção, o prototípico/sistemático e daquilo que se distancia desse centro prototípico como efeito da história que constitui os escreventes em sujeitos. Trata-se, em última instância, da proposição teórico-metodológica de um olhar para a aquisição da escrita, a partir de uma abordagem que tem sido apresentada como de natureza linguístico-discursiva.

Sob essa abordagem, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito, o objetivo deste trabalho é observar a movimentação do escrevente, em aquisição da escrita, na produção de textos pertencentes à TD prescritiva, por meio dos usos de MJs, tomados como rastros dessa movimentação. Em outras palavras, trata-se de investigar, numa perspectiva linguístico-discursiva, os mecanismos de junção, em textos da Tradição Discursiva prescritiva, à luz da hipótese de que o sujeito se movimenta pelo que

² De acordo com Kabatek (2005), uma TD equivale, grosso modo, a modelos textuais convencionalizados social e historicamente, que integram a memória de sujeitos enquanto membros de comunidades, podendo corresponder a gêneros discursivos, tipos textuais e construções linguísticas.

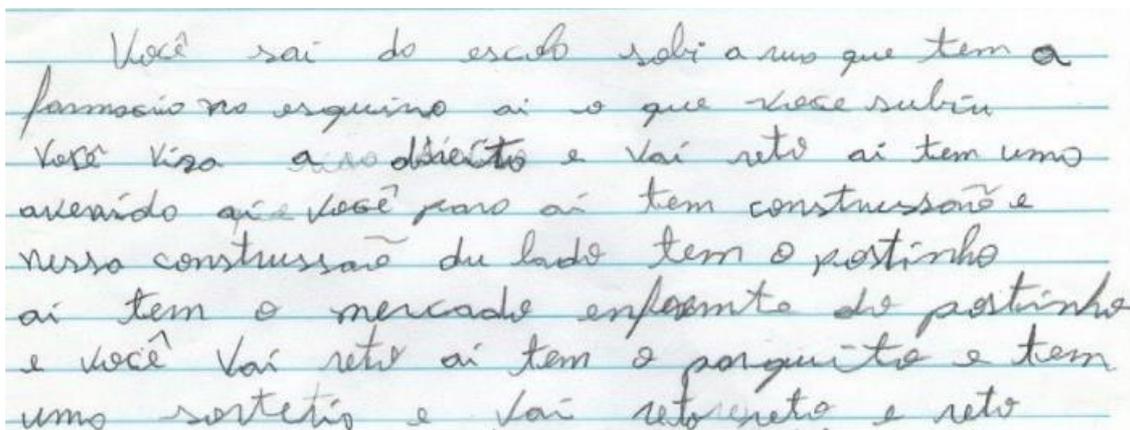
³ Como conjunções e perífrases conjuncionais, advérbios e locuções adverbiais, preposições e locuções preposicionais, marcadores discursivos, além de zero, equivalente à justaposição oracional, e, em textos que flagram a aquisição da escrita, mecanismos não convencionais (como traços, hífen etc.).

reconhece como fixo e lacunar do texto, deixando rastros dessa circulação em seu processo de aquisição do modo escrito de enunciar. Olhar para a materialidade linguística e reconhecer a partir dela, e nela mesma, rastros que mostram a dinamicidade da relação opacidade-transparência corresponde ao movimento do analista que caracteriza o que estamos propondo, aqui, no âmbito do fenômeno da junção, como uma abordagem linguístico-discursiva com potencial de contribuir para discussões sobre o ensino da escrita (cf. LOPES-DAMASIO; CARDOSO, prelo).

1. Material e metodologia

Os dados analisados foram extraídos de 10 textos escritos por alunos matriculados na antiga 4ª série do Ensino Fundamental, em uma escola pública de São José do Rio Preto-São Paulo.⁴

Os textos selecionados foram produzidos a partir de uma proposta em que se solicitou às crianças que respondessem à seguinte questão: Como chegar à sua casa? Essa pergunta foi respondida pelas crianças por meio da escrita e/ou por meio da linguagem não verbal, com desenhos, conforme exemplifica o texto (1), reproduzido e transcrito a seguir:



[Você sai da escola sobri a rua que tem a farmacia na esquina ai o que voce subiu voce vira a direita e vai reto ai tem uma avenida aí você para aí tem construssão e nessa construssão du lado tem o postinho aí tem o mercado enfrente do postinho e você vai reto aí tem o parquito e tem um sorteria e vai reto reto e reto] (Escrevente 9)

Em (1), é exposta, em ordem cronológica, uma sequência de indicações que orientam o outro/leitor, representado como aquele que deve chegar à casa do escrevente, utilizando-se das instruções explicitadas no texto. Os enunciados iniciam-se por verbos que conduzem a ação do outro/leitor, indicando o que deve ser feito: “saia” da escola, “suba” a rua, “vire” à direita. Também o funcionamento dos MJs, como “aí”, nos espaços de junção que constituem o texto, atua no encadeamento dessas ações. Tais

⁴ Os textos integram o corpus de escrita infantil coletado por Capristano (2001-2004) e encontram-se no Banco de dados do Grupo de Pesquisa em Estudos sobre a Linguagem (CNPq).

características recorrentes permitem considerar esse texto no domínio de uma tradição de dizer/escrever aqui denominada “prescritiva” e reconhecida em seu caráter instrucional.

Nesses textos, nos espaços de junção, os MJs foram analisados de acordo com uma metodologia qualitativa e quantitativa, por meio da conjugação das frequências type e token (BYBEE, 2003), em duas etapas distintas, mas complementares:

Etapa (1): caracterização da funcionalidade linguística dos MJs, por meio da descrição sintática e semântica; e

Etapa (2): relação dos resultados da descrição linguística dos MJs à análise linguístico-discursiva da aquisição da escrita na TD prescritiva de caráter instrucional.

Para a etapa (1), adotamos o esquema bidimensional, proposto em Lopes-Damasio (2014), a partir de Halliday (1985), Raible (2001) e Kortmann (1997), em que se entrecruzam as dimensões sintática e semântica:

	Adição	Alternância	Modo	Comparação	Tempo simultâneo	Tempo anterior	Tempo posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P												
H												

Esquema 1 – Modelo para mapeamento bidimensional dos MJs (LOPES-DAMASIO, 2014, p. 1376)

Fonte: as autoras (2024)

A dimensão sintática se desdobra em “parataxe” (P) e “hipotaxe” (H), distinguíveis com base nos seguintes aspectos gramaticais: (i) se ambas as orações são livres e constituem, assim, cada uma, um todo funcional, a construção é paratática (não há dependência)⁵; (ii) se uma oração domina a outra, é dominante e, portanto, nuclear, enquanto a outra é modificadora, a construção é hipotática (há dependência) (cf. HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001)⁶.

A dimensão semântica se organiza em um crescente de complexidade e abstração dos sentidos, de acordo com seu caráter unidirecional, comprovado por meio da mudança semântica (cf. KORTMANN, 1997), que aponta para uma relação de derivação entre as categorias “espaciais” e “modais”

⁵ O termo parataxe inclui, a partir de uma abordagem funcionalista hallidayana (1985), estruturas que a gramática tradicional chama de justaposição assindética, ou seja, construções em que as orações têm o mesmo estatuto, sem qualquer elemento linguístico de ligação. Na abordagem aqui adotada, a justaposição pode codificar quaisquer relações de sentido.

⁶ Nessa direção, a identificação “parataxe” aponta para um traço do funcionamento tático, em oposição, por exemplo, à “hipotaxe”, enquanto a identificação “justaposta” aponta para um traço do mecanismo por meio do qual essa sintaxe se efetiva, em oposição às construções, de mesma natureza, articuladas por outros mecanismos que não “zero”, como, por exemplo, “e”, “ou”, “mas”, “isto é”, etc.

em direção a “tempo” e “causa”, “condição”, “contraste” e “concessão” (CCCC); e de derivação entre “tempo” e “CCCC”. Nessa unidirecionalidade, o sentido de “adição” configura-se como o mais concreto, em oposição ao “concessivo”, mais abstrato (LOPES-DAMASIO, 2014)⁷.

Para a etapa (2), adotamos os pressupostos que sustentam a mobilização metodológica dos eixos para a observação da circulação do escrevente por seu imaginário sobre a escrita (CORRÊA, 2004), propondo um diálogo teórico-metodológico entre o E3 e o conceito de TD, a fim de constatarmos, nos textos, a movimentação constitutiva do processo de aquisição, de acordo com o estatuto da mudança definido neste trabalho.

2. Os MJs na TD prescritiva em aquisição da escrita

O Gráfico 1 traz informações sobre os tipos de *taxe* (*parataxe* e *hipotaxe*) materializados nos textos e o Gráfico 2, por sua vez, os resultados da análise semântica, em conformidade com a escala de complexidade semântica crescente.

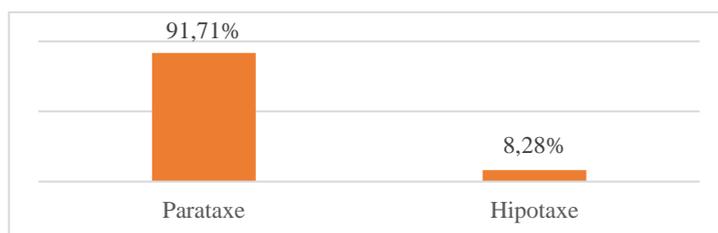


Gráfico 1 - Frequência dos MJs: domínio sintático
Fonte: as autoras (2024)

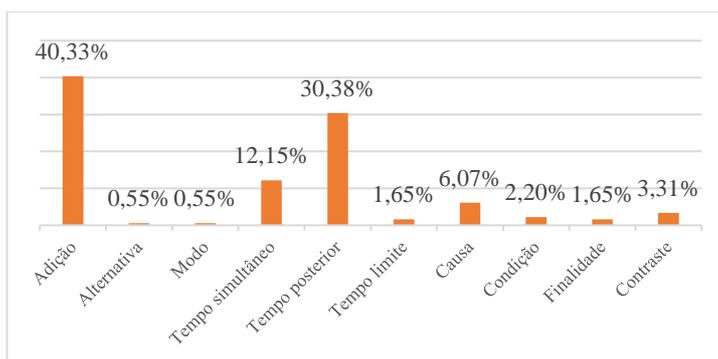


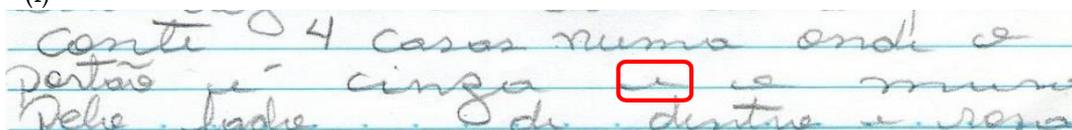
Gráfico 2 - Frequência dos MJs: domínio semântico
Fonte: as autoras (2024)

⁷ Na dimensão semântica, a opção metodológica foi pelo mapeamento da relação mais abstrata, nos contextos de trânsitos semânticos – em que mais de uma relação semântica pode ser identificada em um dado esquema de junção. Em conformidade com esse procedimento, os casos de trânsito semântico *adição* > *tempo*, por exemplo, foram mapeados como *tempo*.

Os dados apresentam o predomínio da parataxe (166/91,71%) em relação à hipotaxe (15/8,28%), e, além disso, mostram que as ocorrências de hipotaxe, além de minoritárias, deram-se em contextos específicos: “causa”, com os jutores “como” e “que” (1 ocorrência cada); “condição”, com “que” (3 ocorrências); “finalidade”, com “para” (3 ocorrências); “modo”, com “como” (1 ocorrência); “tempo simultâneo”, com “quando” (2 ocorrências); “tempo limite”, com “até” (2 ocorrências); e, por fim, “tempo posterior”, com “que” (1 ocorrência) e com “depois de” (1 ocorrência). De modo geral, de acordo com o Gráfico 2, os MJs associados ao sentido de “adição” (73/40,33%) e de “tempo posterior” (55/30,38%) são os mais frequentes, nos textos analisados, seguidos pelos MJs associados ao sentido de “tempo simultâneo” (22/12,15%).

A “justaposição” é usada predominantemente nos textos para expressar a “adição” (44/60,27%), seguida do MJ “e” (27/36,98%). Segundo Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), existem dois tipos de adição entre sentenças: as simétricas, que permitem uma mudança na ordem de seus membros, sem alteração significativa de sentido, visto que os membros da adição são independentes entre si; e as assimétricas, em que a alteração da ordem dos membros não é admitida, uma vez que um membro conduz ao outro. Os usos considerados aditivos, nos textos analisados, correspondem à “adição simétrica”, em que é possível, portanto, inverter a ordem oracional sem prejuízos semânticos para o texto, conforme ilustra a ocorrência, em (1), em que o jutor “e” adiciona a oração “o muro pelo lado de dentro é rosa”, cuja ordem pode ser invertida em relação à anterior (“o muro pelo lado de dentro é rosa e o portão é cinza”):

(1)



[conte 4 casas Ø numa onde o portão é cinza e o muro pelo lado de dentro e rosa] (Escrevente 1)

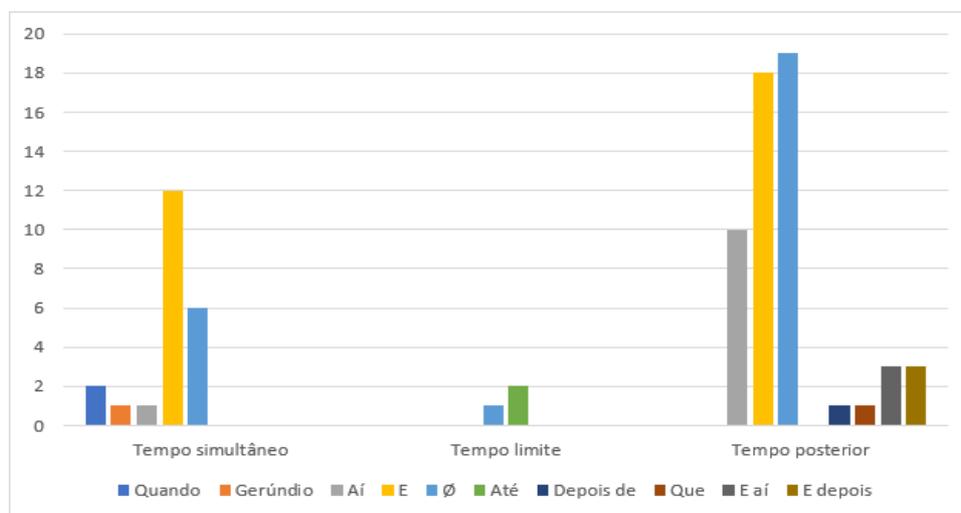


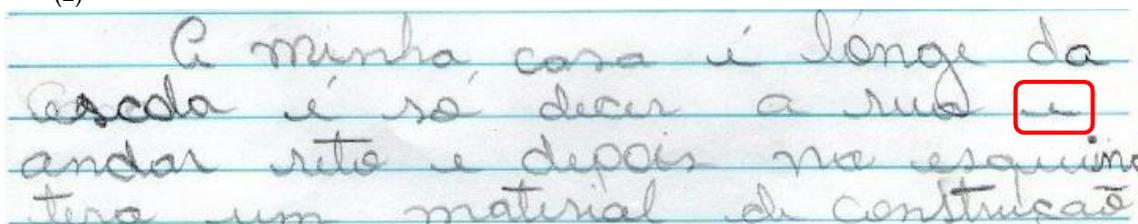
Gráfico 3 – MJs com sentido temporal

Fonte: as autoras (2024)

O MJ “e” é também utilizado em espaços de junção que permitem a inferência, a partir do sentido mais concreto de “adição”, do sentido mais abstrato de “tempo”. Esse é o tipo de adição que corresponde, segundo Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), à assimétrica, visto que a mudança na ordem de seus membros pode alterar o sentido da oração.

Na categoria de “tempo simultâneo”, inicialmente, predomina o uso do MJ “e”(12/54,54%), seguido por “justaposição” (6/27,27%), “quando” (2/9,09%), “ai” e verbo no “gerúndio” (1/4,54% cada um deles). A ocorrência, em (2), ilustra o uso de “e” em espaço que permite inferir o sentido de “tempo simultâneo”, e mostra que a mudança na ordem das orações articuladas, “descer a rua” e “andar reto”, alteraria o sentido da instrução:

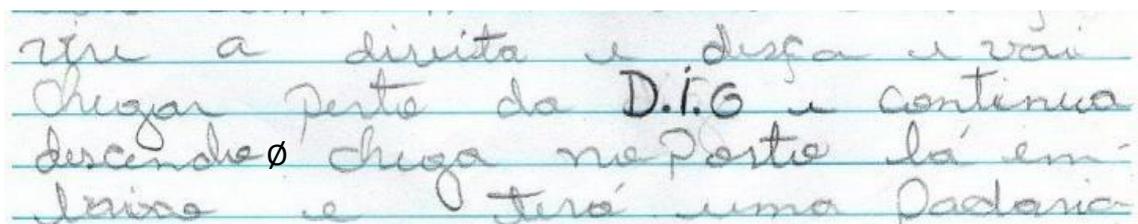
(2)



[A minha casa é longe da escola \emptyset é só descer a rua e andar reto e depois na esquina terá um material de construção] (Escrevente 1)

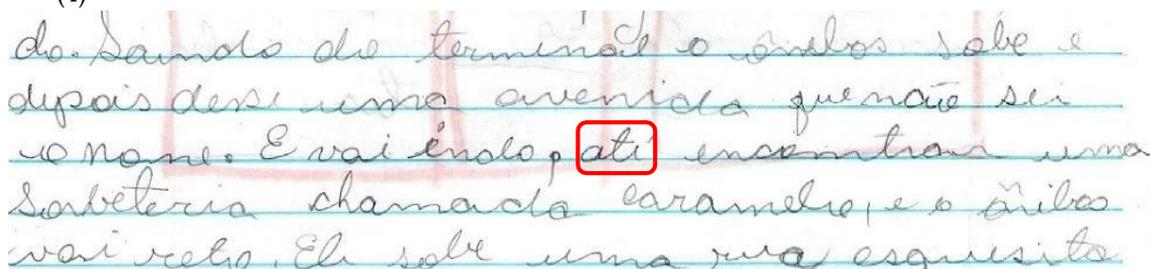
As ocorrências de MJs em espaços que permitem a identificação de “tempo limite” são menos frequentes, tendo sido identificadas em apenas três usos, um de “justaposição” (1/33,33%), como exemplificado em (3), e dois de “até” (2/66,66%), como exemplificado em (4):

(3)



[continua descendo \emptyset chega no posto lá em-baixo e terá uma padaria] (Escrevente 1)

(4)



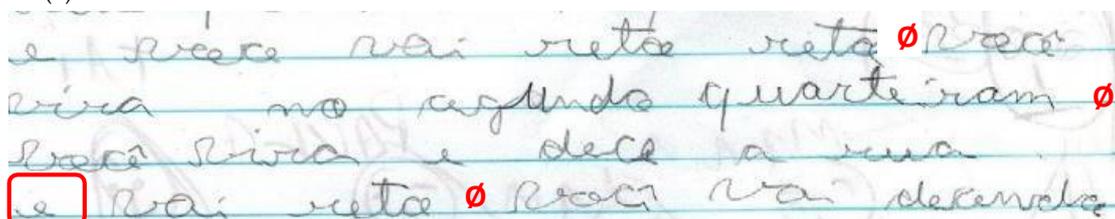
[E vai indo, até encontrar uma sorbeteria chamada caramelo] (Escrevente 4)

Em (3), a “justaposição” articula parataticamente os enunciados, indicando “tempo limite” a partir do sentido mais concreto de “adição”: o escrevente instrui seu leitor/ interlocutor a continuar descendo “até chegar no posto lá embaixo”. Em (4), “até” também se apresenta com esse sentido: o escrevente instrui o leitor/interlocutor a seguir “até encontrar uma sorveteria chamada caramelo”. Ambos os contextos ilustram a inviabilidade de mudança da ordenação oracional.

“Tempo posterior” é o sentido com maior diversidade de juntores, mas, novamente, a “justaposição” (19/34,54%) e “e” (18/32,72) foram os MJs mais recorrentes. Além deles, foram encontrados usos de “ai” (10/18,18%), “e ai” e “e depois” (3/5,45% cada), assim como os juntores hipotáticos “que” e “depois de” (1/1,81% cada).

A funcionalidade da “justaposição”, associada ao sentido de “tempo”, pode ser observada em (5):

(5)



[e voce vai reto reto Ø você vira no segundo quarteirão Ø você vira e deca a rua e vai reto Ø você vai decendo]

(Escrevente 5)

Em (5), a “justaposição” ocorre, primeiramente, em um espaço que permite inferir o sentido de “tempo posterior” (você vai reto “depois” vira no segundo quarteirão) e, em seguida, em um movimento parafrástico, apresenta a sequência da instrução, “você vira e [depois que virou] desce a rua”, em que o MJ “e” também mantém o caráter sequencial das orientações no tempo. A inversão da ordenação oracional, no contexto em questão, não permitiria manter a natureza instrucional do texto, atrelada à sequenciação temporal.

A repetibilidade dos MJs com sentidos de “tempo”, especialmente o de “tempo posterior”, está relacionada, portanto, à constituição da TD prescritiva, pois o escrevente apresenta uma sequência de ações, numa cronologia que deve ser seguida para que se alcance a finalidade desejada (chegar à sua casa).

Embora pouco frequente, o funcionamento dos MJs com os sentidos de “causa”, “condição” e “contraste” está ilustrado no Gráfico 4:

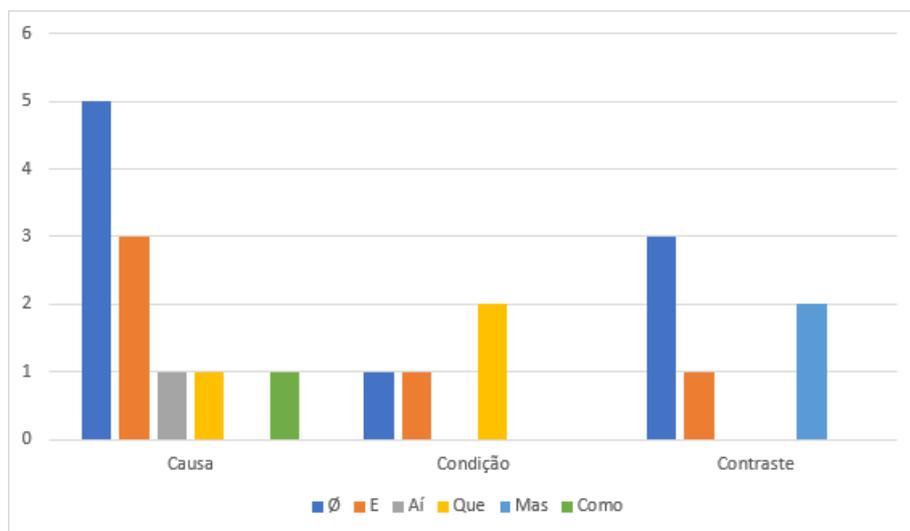


Gráfico 4 – MJs causais, condicionais e contrastivos

Fonte: as autoras (2024)

Para indicar “causa”, na parataxe, a “justaposição” foi utilizada cinco vezes (5/45,45%), “e” três vezes (3/27,27%) e “aí”, uma (1/9,09%), enquanto, na hipotaxe, foram utilizados “que” e “como”, uma vez (1/9,09% cada um deles). Com sentido de “condição”, foram utilizados “que” (2/50%), “e” (1/25%) e “justaposição” (1/25%). Por fim, os MJs contrastivos também foram pouco frequentes. Embora “mas” (2/33,33%) seja o MJ prototípico, nesse sentido, a maior frequência, nos textos analisados, foi constatada para os usos de “justaposição” (3/50%), além de uma ocorrência de “e” (16,66).

Os resultados da descrição e análise linguística dos MJs nos domínios tático e semântico, conforme proposta bidimensional, mostraram a repetibilidade da arquitetura paratática nos textos investigados, conjugada a trânsitos semânticos que envolvem, prioritariamente, os sentidos de “adição” e “tempo”. De acordo com a proposta inicial deste trabalho, esses resultados serão tomados como base para as análises das relações entre fala/oralidade e escrita/letramento que caracterizam a aquisição da TD prescritiva no modo escrito de enunciar.

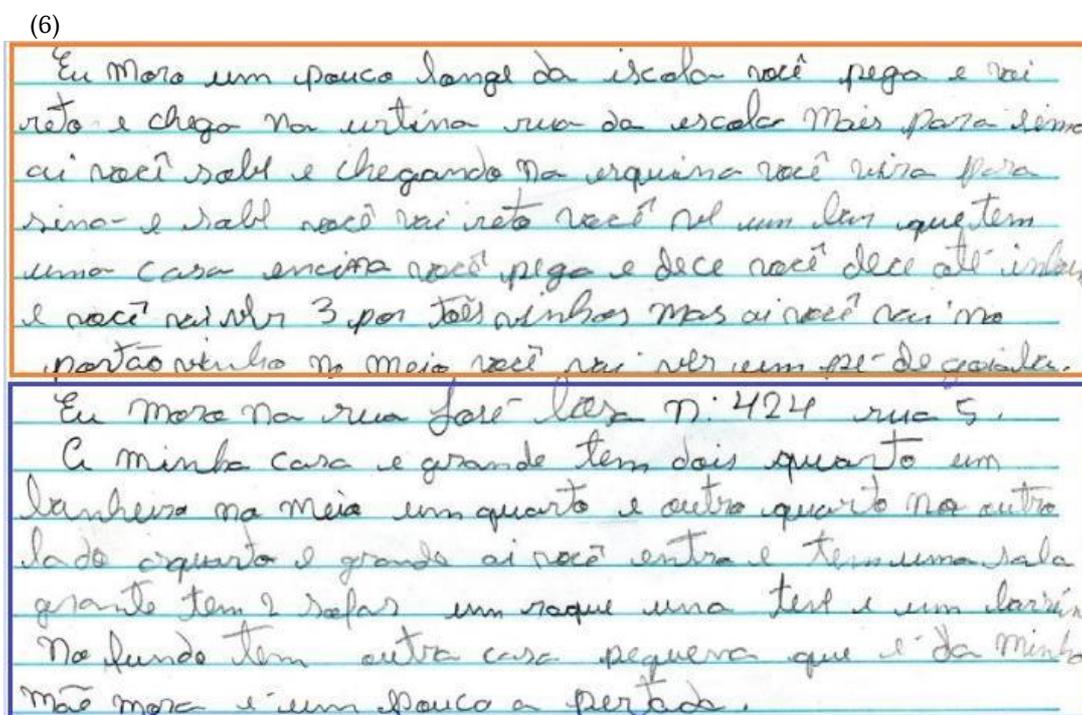
3. Relações entre MJs e TDs na escrita heterogênea

O terceiro eixo, que trata da dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, atua em relação aos dois anteriores (E1 e E2), orientando o modo heterogêneo de constituição da escrita. A análise dialógica dos textos leva em conta, neste trabalho, além do encontro com os fragmentos da proposta de produção textual, tudo o que pode ser associado à constituição das tradições de dizer/escrever, ou, mais especificamente, ao que tem sido denominado de composicionalidade sintagmática e paradigmática das TDs. Trata-se, em outras palavras, de reconhecer, em uma TD, outras que a constituem, e que, por isso, permitem a sua caracterização enquanto TD complexa. Nesse sentido, a TD é tomada como produto e como matéria para a sua própria produção, de acordo com a réplica que está associada ao dialogismo presente

em toda a linguagem. Essas relações podem ser reconhecidas a partir de algumas marcas no texto, como a utilização de aspas, de dois-pontos, do recurso de ironia, do discurso direto ou de simples colagem da proposta, dentre outros rastros linguísticos, como os próprios MJs.

Do conjunto de textos analisados, 90% realizaram a mescla entre a TD prescritiva e a TD descritiva, à luz do que fora proposto para a realização da produção textual. Embora, na proposta de produção textual, não seja solicitada a realização de uma descrição, os escreventes, além de instruírem o leitor sobre como chegar até suas casas, descrevem-nas, bem como descrevem o caminho/trajeto que deve ser percorrido. Dessa maneira, a mescla de TDs mostra-se comum e funcional, nos textos analisados.

Em (6), apresentamos um exemplo de como a TD prescritiva (destacada em laranja) é constituída pela TD descritiva (destacada em azul) e, em seguida, o Juntograma 1, com a sistematização dos resultados da descrição tático-semântica, apresentados detalhadamente na subseção anterior:

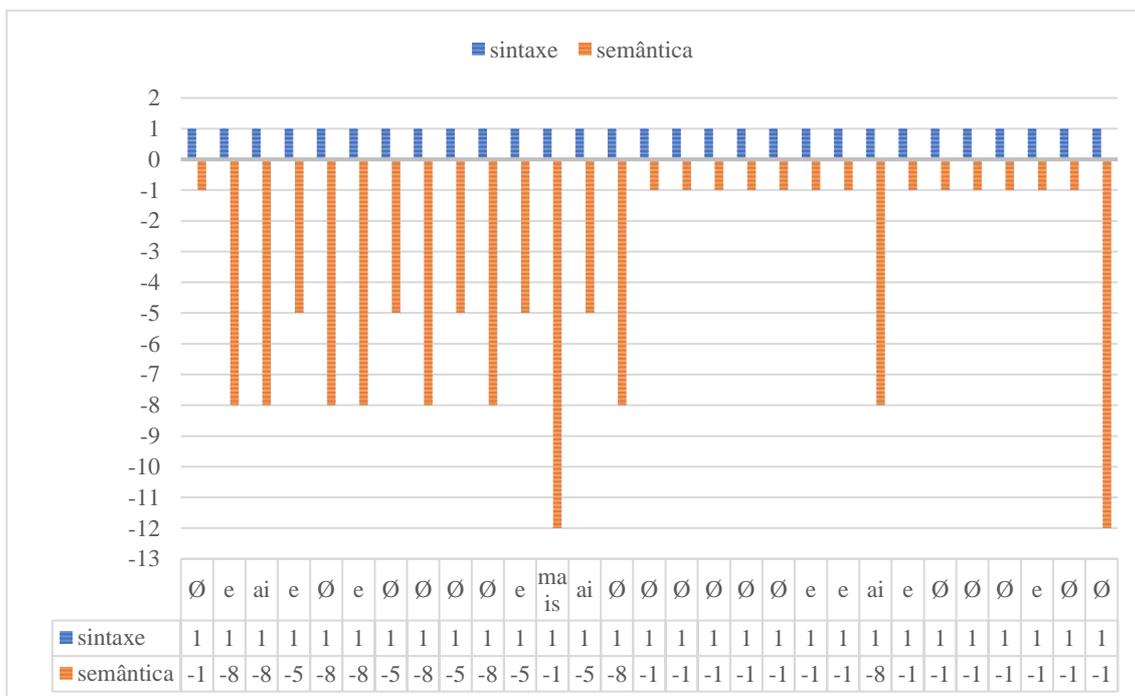


[Eu moro um pouco longe da iscola você pega e vai reto e chega na urtina rua da escola mais para sima ai você sobe e chegando na esquina você vira para sina e sabe você vai reto você ve um bar que tem uma casa encima você pega e dece você dece até inbaixo e você vai ver 3 por tões vinhos mais ai você vai no portão vinho no meio você vai ver um pé de goiaba.

Eu moro na rua José bosa n: 424 rua 5.

A minha casa e grande tem dois quarto um banheiro no meio um quarto e outro quarto no outro

lado esquerdo e grande ai você entra e tem uma sala
 grante tem 2 sofas um raque uma teve e um barsin
 No fundo tem outra casa pequena que é da minha
 mãe mora é um pouco a pertada.] (Escrevente 6)



Juntograma 1-Texto 6 (Escrevente 6)⁸
 Fonte: as autoras (2024)

Neste texto, de modo geral, há dois blocos. No primeiro, busca-se apresentar/instruir os passos a serem seguidos “para chegar até sua casa”, conforme fora solicitado na proposta de produção textual, por meio do acréscimo, via adição assimétrica, de informações que caracterizam a instrução que ajudará/guiará o interlocutor em sua tarefa. Conforme resultados apresentados na seção anterior, trata-se da adição assimétrica, porque a mudança na ordem de seus membros pode alterar, pontualmente, o sentido da oração e, no âmbito textual, a própria constituição da TD prescritiva (ou seja, não se chegará ao mesmo ponto X). Portanto, por se tratar de uma prescrição, as informações são apresentadas em ordem cronológica e um membro oracional conduz ao outro, o que não permite a troca entre eles.

No segundo bloco, são apresentadas as características do espaço em que a casa está localizada, bem como da própria casa (seus cômodos), por meio da inserção da descrição desses espaços, via adição simétrica, em que a ordem deixa de ser fator importante para o sentido e a função global do texto.

⁸ Para a leitura dos Juntogramas, considerar, no eixo positivo: 1 parataxe; 2 hipotaxe; e, no eixo negativo: -1 adição; -2 alternativa; -3 modo; -4 comparação; -5 tempo simultâneo; -6 tempo contingente; -7 tempo anterior; -8 tempo posterior; -9 causa; -10 condição; -11 finalidade; -12 contraste; -13 concessão.

Entretanto, no bloco da TD prescritiva, há mesclas, como em “Eu moro um pouco longe da escola”, “[vê um bar] que tem uma casa encina”, “[você vai ver 3 por tões] vinhos”, em que podem ser caracterizados pontos da TD descritiva que constituem a prescrição. Da mesma forma, no segundo bloco, há um ponto de mescla, como em “ai você entra”, em que se caracteriza um trecho de prescrição que constitui um bloco mais claramente descritivo.

Sistematizando, no bloco da TD prescritiva, predominam os MJs com sentido temporal, em construções assimétricas que permitem inferir “tempo”, em espaços juntivos preenchidos, predominantemente, pelos usos de “justaposição” e “e”. Já no bloco da TD descritiva, predominam os MJs aditivos, em construções simétricas, em espaços juntivos preenchidos, predominantemente e novamente, pelos usos de “justaposição” e “e”. Nos trechos em que há as mesclas mais pontuais, os MJs também mudam de funcionamento no interior do bloco: é o caso, por exemplo, do uso temporal de “ai”, em “ai você entra”, no bloco descritivo.

No texto em (7), a mescla entre as TDs prescritiva e descritiva também pode ser observada, embora já fora da composição em grandes blocos. Na sequência, o Juntograma 2 mostra os resultados da descrição tático-semântica desse texto:

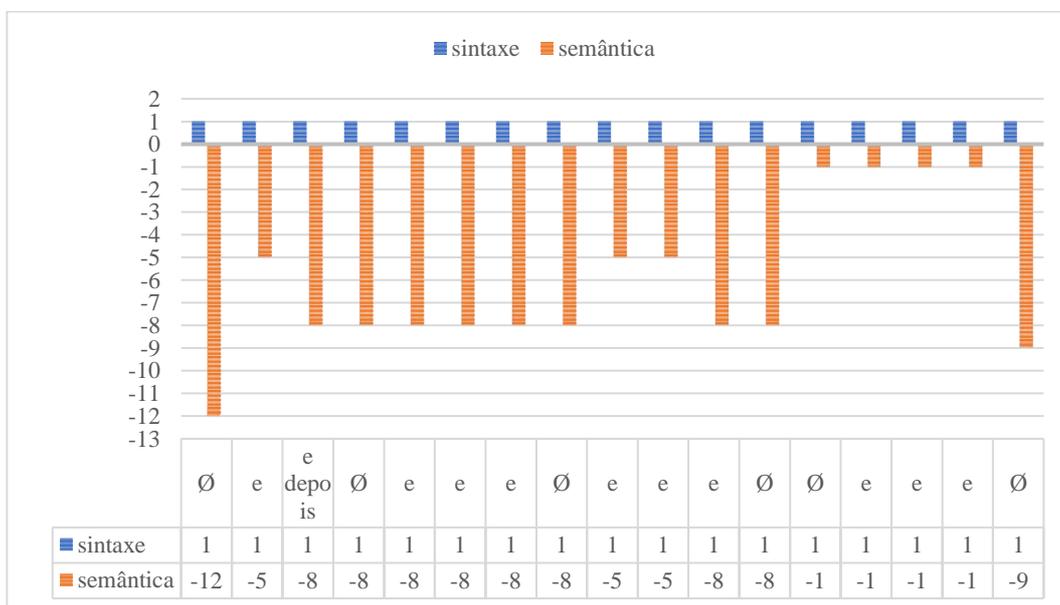
(7)

A minha casa é longe da escola é só decer a rua e andar reto e depois na esquina tera um material de construção vir a direita e desca e vai chegar perto da D.I.O e continua descende chega na poste lá em baixo e tera uma padaria e você desca e você vai ver um mercado MAZZUCO que está do lado esquerdo conti 4 casas numa end. e depois é a igreja e a igreja Pele. lado de dentro e fora

é lá você vai encontrar uma cochorra que atende pele nome de MIKA e a minha rua é nº5 não é difícil de chegar lá.

[A minha casa é longe da escola é só decer a rua e andar reto e depois na esquina tera um material de construção

vire a direita e desça e vai
 chegar perto da D.I.G e continua
 descendo chega no posto lá em-
 baixo e terá uma padaria
 e você desce e você vai ver
 um mercado MAZZUCO **que**
está desativado do lado esquerdo
 conte 4 casas **numa onde o**
portão é cinza e o muro
pelo lado de dentro e rosa
 e lá você vai encontrar uma
 cachorra **que atende pelo nome**
de NIKA e a minha rua e nº5
 não é difícil de chegar lá.] (Escrevente 1)



Juntograma 2 - Texto 7 (Escrevente 1)
 Fonte: as autoras (2024)

A descrição (destacada em azul) toma seu espaço em “A minha casa é longe da escola”, “[mercado MAZZUCO] que está desativado”, “∅ numa onde o portão é cinza e o muro pelo lado de dentro e rosa” e “que atende pelo nome de NIKA e a minha rua e nº 5”. Os exemplos mostram que os MJs utilizados apresentam sentido de “adição”, em construções simétricas, cuja ordem de apresentação das características descritas pode ser alterada sem prejuízo de sentido.

O restante do texto configura a TD prescritiva, majoritariamente em espaços de junção que habilitam o sentido de “tempo”, indicando uma sequência cronológica “para chegar até a casa do escrevente”. Nesse contexto, observa-se a repetição dos espaços em que figuram a “justaposição” e o “e”, enquanto rastros da circulação do escrevente por práticas orais mais informais em que esses MJs são frequentes.

Esses juntores, que podem assumir diferentes sentidos, nos espaços de junção que preenchem, são, exatamente por isso, reconhecidos, analiticamente, como gestos enunciativos (cf. LOPES- DAMASIO, 2016), porque apontam para o contexto enunciativo, mobilizando outros sentidos para além

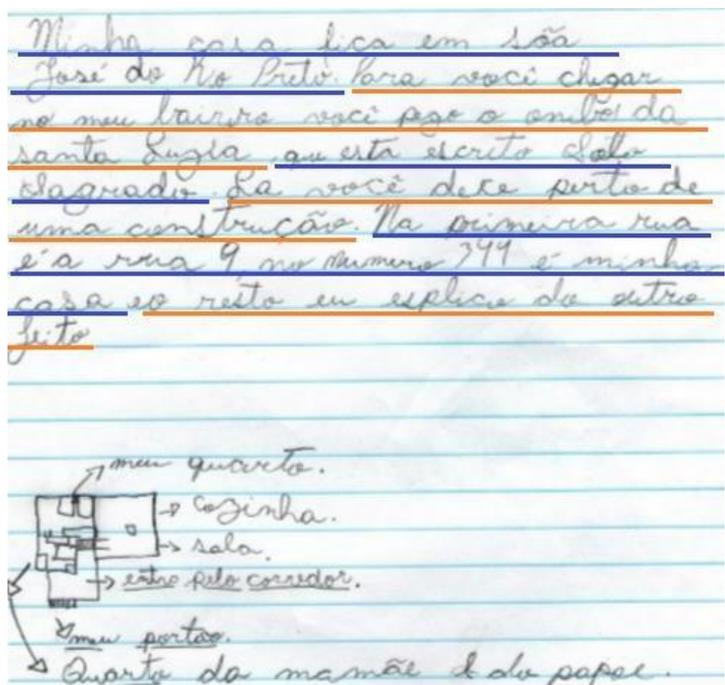
daquele mais concreto de “adição”. Para alcançar esses sentidos, é necessário recuperar esse contexto e realizar inferências. O escrevente enuncia, no modo escrito de enunciação, como se o seu leitor estivesse presente no momento da enunciação e pudesse, assim, recuperar todos esses sentidos, implícitos na escrita, mas pragmática e/ou discursivamente disponíveis. Trata-se, exatamente, de plasmar o modo escrito de enunciar ao modo falado, como se a escrita fosse uma representação integral da fala (LOPES-DAMASIO, 2016, p. 313). Trata-se, da mesma forma, de, na materialidade linguística, reconhecer a opacidade dos sentidos que constituem o processo de textualização, no modo escrito de enunciar em aquisição.

Nessa direção, a primeira “justaposição”, em “A minha casa é longe da escola Ø é só descer a rua”, apresenta sentido concreto de “adição”, mas permite, no espaço de junção em que se localiza, a inferência de um sentido mais abstrato de “contraste”, de acordo com uma paráfrase do tipo “a minha casa é longe da escola, mas é só descer a rua”. O sentido, nesse espaço, surge como resultado de um movimento do sujeito que, a partir do que é mais concreto – o sentido de “adição” –, circula pelo que é mais abstrato – o sentido de “contraste” –, necessário para o processo de textualização e resultado de sua avaliação⁹ acerca do conteúdo de seu texto. Na mesma direção, o uso de “e”, em “é só descer a rua e andar reto”, articula parataticamente os enunciados, permitindo a inferência do sentido mais abstrato de “tempo simultâneo”, pois indica ao leitor que “ele deve descer a rua e, simultaneamente, andar reto”. Seguindo a sequência cronológica da prescrição, o MJ “e depois” apresenta a acepção de “tempo posterior”. Os outros MJs que estão localizados após a “justaposição” também apresentam trânsito semântico de “tempo posterior” e “tempo simultâneo” e colaboram, pois, com o processo de textualização da TD prescritiva.

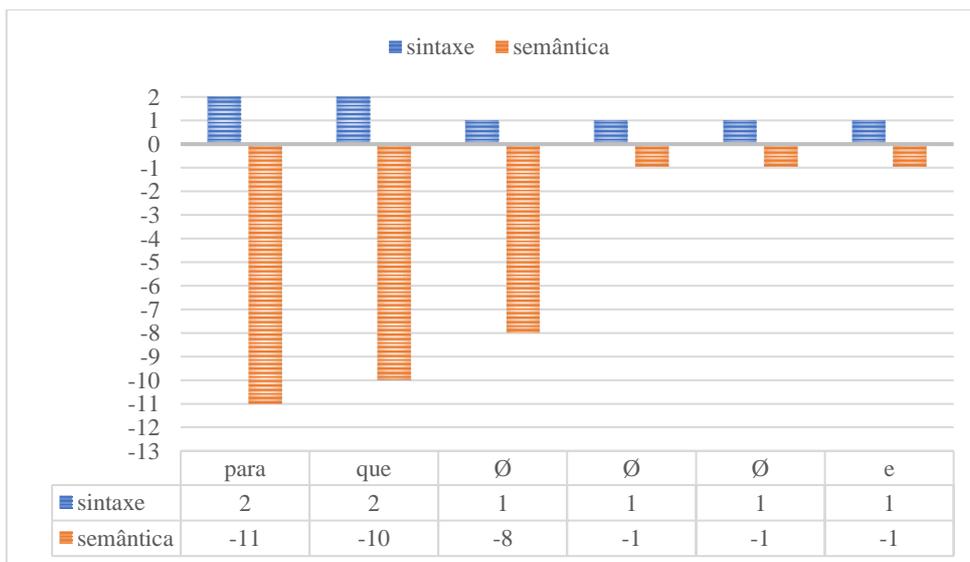
No texto em (8), acompanhado do Juntograma 3, apresentamos mais um exemplo da composicionalidade entre as TDs prescritiva e descritiva:

⁹ Avaliação que não se distancia do contexto sócio-histórico que constitui as práticas discursivas por que o sujeito circula e que, em nossa interpretação, pode estar vinculado à repetição, nas interações, de que a criança que escreve “mora longe”, por ser moradora da periferia da cidade.

(8)



[**Minha casa fica em São José do Rio Preto.** Para você chegar no meu bairro você pega o onibus da santa Luzia, **que esta escrito Solo Sagrado.** La você dece perto de uma construção. **Na primeira rua é a rua 9, no numero 344 é minha casa** eo resto eu explico do outro jeito] (Escrevente 3)



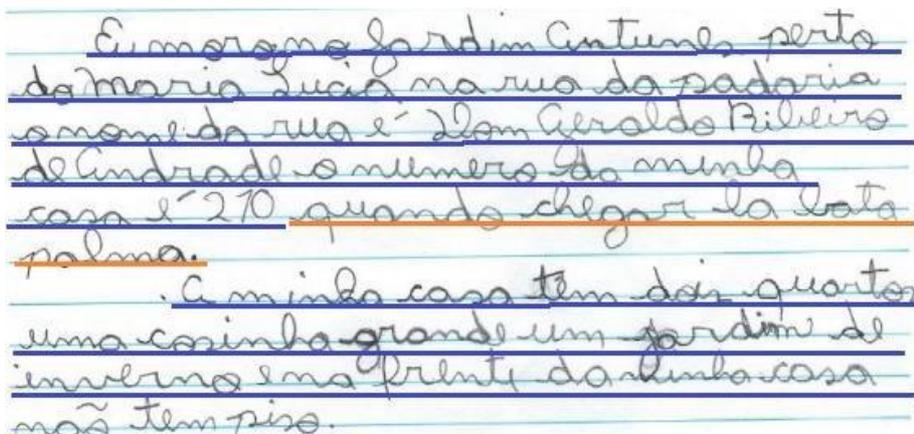
Juntograma 3 - Texto 8 (Escrevente 3)
 Fonte: as autoras (2024)

Na composição da TD prescritiva, a TD descritiva, destacada em azul, aparece em “Minha casa fica em São José do Rio Preto”, “que esta escrito Solo Sagrado”, “Ø Na primeira rua é a rua 9, Ø no numero 344 é minha casa”. No âmbito da prescrição, um rastro do primeiro eixo – aquele em que o escrevente se apropria da escrita, tomando-a como representação da fala – é a ocorrência conjunta de “justaposição” e de “Lá”, em “Ø La você dece”. O uso de “lá” aponta para um lugar desconhecido pelo leitor, mas que é conhecido pelo escrevente e que, no espaço da “justaposição”, mostra o trânsito do sujeito por práticas orais, provenientes de TDs que circulam a partir do modo de enunciação falado. Tal rastro (“justaposição” + “Lá”) funciona, mais uma vez, nesse conjunto, como um gesto enunciativo.

Além da circulação pelo eixo 1, também há rastros do eixo 2, principalmente quando o escrevente usa a pontuação, seguida por letras maiúsculas para iniciar os períodos. Como exemplo, destacamos o uso da vírgula para separar a explicação sobre o ônibus que deve ser utilizado, acompanhada do MJ “que”: “pega o onibus da santa Luzia, que esta escrito Solo Sagrado”. Nesse espaço de junção, “que” funciona em uma relativa circunstancial¹⁰, já que expõe uma condição (pega o ônibus “se” estiver escrito Solo Sagrado).

Por fim, o texto (9) mostra a inversão das proporções, ou seja, a maior parte do texto caracteriza-se como TD descritiva, o que também pode ser constatado no Juntograma 4:

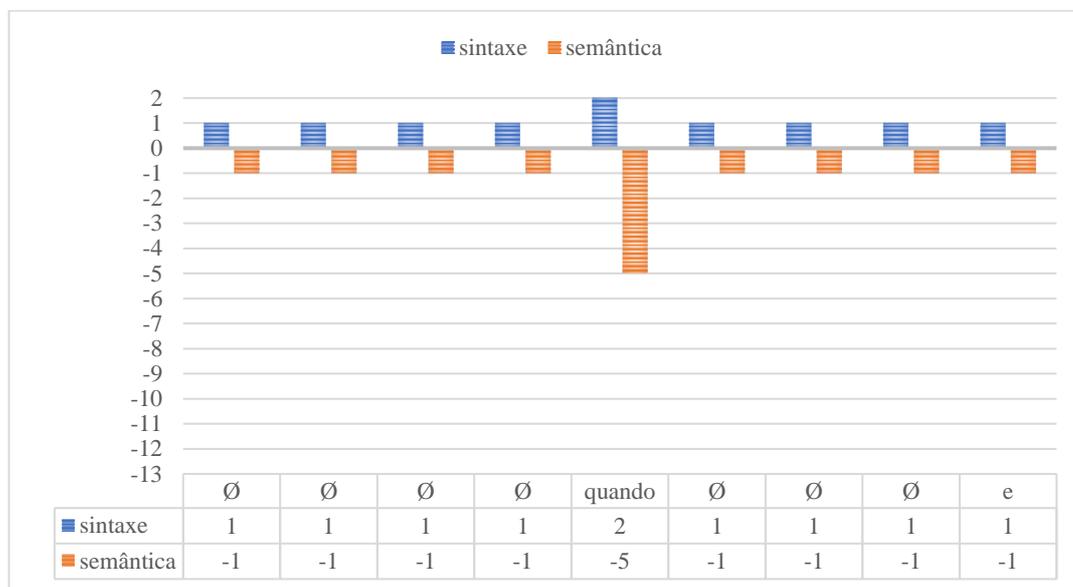
(9)



[**Eu moro no Jardim Antunes perto do Maria Lucia na rua da padaria o nome da rua é Dom Geraldo Ribeiro de Andrade o numero da minha casa é 210 quando chegar la bata palma.**

. A minha casa têm dois quartos uma cosinha grande um jardim de inverno e na frente da minha casa não tem piso.] (Escrevente 2)

¹⁰ Para mais detalhes sobre o funcionamento das relativas circunstanciais, ver Longhin; Lopes-Damasio (2014).



Juntograma 4 – Texto 9 (Escrevente 2)

Fonte: as autoras (2024)

Os MJs, em (9), também funcionam como rastros do trânsito do sujeito por práticas discursivas orais. Novamente, há a distinção entre o funcionamento dos MJs que atuam na TD descritiva, especialmente em relação aos seus sentidos, e os que funcionam na TD prescritiva, corroborando a análise já realizada dos outros textos expostos até este momento. A inversão das proporções na composicionalidade das TDs tem como efeito, no funcionamento tático-semântico, o uso de apenas uma ocorrência do MJ “e”, dentre várias outras de “justaposição”. Todas essas ocorrências de “justaposição”, com sentido de adição simétrica, inserem enunciados que descrevem o lugar onde o escrevente mora, acrescentando, pois, novas informações para o leitor. A TD prescritiva, por sua vez, constatada apenas na introdução do enunciado “quando chegar la bata palma”, mostra-se no espaço de junção do MJ hipotático “quando”, com sentido abstrato de “tempo simultâneo”.

Esse texto permite constatar que, mesmo quando se invertem as proporções da mescla, ou seja, quando a maior parte do texto produzido é caracterizada como TD descritiva, o comportamento dos MJs se mantém o mesmo: por um lado, recuperando taticamente uma articulação mais frouxa, que indicia a informalidade de práticas discursivas orais informais mediadas pela fala; e, por outro, recuperando semanticamente uma articulação com sentidos de “adição simétrica”, em contexto da TD descritiva, e de “tempo”, em contexto da TD prescritiva.

Algumas considerações

Os resultados da análise da movimentação do sujeito, estreitamente relacionados às ideias de transformação e mudança, em uma abordagem da construção tático-semântica do processo de textualização, permitem flagrar a aquisição da escrita fora de uma perspectiva que a defina como

desenvolvimento. Esses resultados mostram uma alta frequência de MJs paratáticos nos textos investigados, o que, aqui, foi associado a marcas, nessa escrita em aquisição, da circulação do escrevente por práticas discursivas orais informais, especialmente aquelas características do diálogo.

Nesse mix entre oral/falado e letrado/escrito, os espaços de junção funcionaram como efeito de duas tradições de dizer/escrever: a prescritiva – por meio da qual o escrevente diretamente busca responder à proposta de texto; e a descritiva – assumida como uma matéria que compõe a prescrição. Nessa mescla de TDs, as relações de sentido mais recorrentes no funcionamento dos MJs foram as de “adição” e “tempo”, com a predominância de MJs, em espaços de junção “temporais”, nos trechos que configuram a TD prescritiva, e a predominância de MJs, em espaços de junção “aditivos”, nos trechos que configuram a TD descritiva.

Portanto, nos dados de aquisição da escrita, para a realização da TD prescritiva, além de lançar mão da parataxe, o escrevente lança mão também dos sentidos de “tempo” e de “adição”, em intrínseca correlação com o seu trânsito pelo já falado/ouvido e escrito/lido, uma vez que a (sua) imagem da TD prescritiva leva a um processo de textualização caracterizado por mesclas com a TD descritiva. Essas mesclas, em sua composição, materializam a resposta do escrevente à proposta de texto e têm como efeito funcionamentos tático-semânticos distintos dos MJs, a saber: majoritariamente, com MJs paratáticos aditivos (adição simétrica), nos trechos descritivos; e, majoritariamente, com MJs paratáticos temporais (por meio de gestos enunciativos, frequentemente em construções aditivas assimétricas), nos trechos prescritivos.

Esse processo de textualização mostra a relação do escrevente com os eixos de observação da escrita constitutivamente heterogênea, pois sinaliza a presença de práticas orais que assumem um papel em sua prática letrada em aquisição. Se considerarmos, pois, que, em sua maioria, os sentidos temporais resultam de trânsitos semânticos, que, na circulação dos sujeitos por práticas orais, estão ligados a gestos enunciativos, precisamos, necessariamente, considerar a opacidade com que esses sentidos se mostram nos textos. Finalmente, precisamos considerar que a composicionalidade do processo de textualização, em sua intrínseca relação com a riqueza de sentidos desses textos, espera por uma metodologia que suspenda a transparência.

Embora se trate de um estudo de caráter descritivo, os resultados apresentados sustentam o direcionamento da teorização, conforme proposta aqui, acerca da relação opacidade-transparência a partir da materialidade linguística, para a abordagem linguístico-discursiva da aquisição da escrita. E, ao mesmo tempo, abrem um duplo caminho de aprofundamento: no âmbito teórico-analítico, no que diz respeito à observação do comportamento de outras TDs em aquisição; e no âmbito da discussão que esses resultados podem fomentar no contexto do ensino de língua materna.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2240.R>

Editoras

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Afiliação: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Afiliação: Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris III

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Giovane Fernandes Oliveira

Afiliação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-8353>

Avaliador 2: Paula Soares da Silva

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5883-1278>

AVALIADOR 1

O artigo intitulado “**A materialidade linguística pelo viés da opacidade: uma abordagem da aquisição da escrita**” é, de um modo geral, bem escrito do ponto de vista redacional e bem fundamentado do ponto de vista teórico-metodológico-analítico.

Além dos comentários pontuais inseridos no arquivo em anexo, apresento, a seguir, alguns comentários mais globais, relacionados tanto aos critérios de avaliação da revista quanto à argumentação macro do artigo:

(1) O objetivo é formulado no resumo (p. 1) e no parágrafo final da introdução (p. 5) de maneiras distintas. Conforme orientações da revista, sugiro às autoras padronizarem as formulações. Ainda sobre o resumo, outra orientação da revista a ser atendida é uma delimitação mais clara da relevância do tema (que, certamente, é muito relevante, informação que precisa apenas ser mais explicitada no resumo).

(2) Acerca dos resultados, retomemos duas perguntas relacionadas a eles nos critérios de avaliação:

- “Verifique os resultados à luz do objetivo proposto. O estudo condiz com o plano do pesquisador?”
- “A importância dos resultados para o conhecimento da área é comentada?”

Quanto à importância dos resultados para o conhecimento da área, tal importância precisa ser mais explicitada no resumo (cf. sugestão anterior) e na conclusão do artigo.

Quanto à coerência entre os resultados e o objetivo proposto (em suas duas formulações, no resumo e na introdução, formulações a serem padronizadas), há coerência. Porém, chama a atenção o fato de a relação (anunciada no título) entre materialidade linguística e opacidade não ser retomada mais detidamente na discussão dos resultados nem aparecer no resumo.

Aliás, o termo “opacidade” aparece apenas em duas ocorrências (p. 3 e p. 5) de uma expressão de De Lemos (1998) – a expressão “transformação ‘opacidade-transparência’” – e em uma ocorrência no parágrafo final da conclusão do texto. Já o termo “materialidade linguística” aparece apenas na p. 3.

A presença desses termos e a relação teórica entre as noções que eles condensam poderiam ter rendido mais na argumentação após a análise quanti-qualitativa. Contudo, como se trata de um estudo mais descritivo do que teórico, talvez seja o caso de se reservar, a um estudo futuro, uma teorização mais detida acerca da relação opacidade-materialidade linguística na aquisição da escrita. Inclusive, essa reserva a um estudo futuro iria na direção de dois critérios de avaliação da revista:

- “Foram enumeradas as deficiências da pesquisa?”
- “Ao direcionar a pesquisa para um futuro, o autor sugere um aprofundamento na pesquisa?”

(3) A respeito do cumprimento das normas do periódico, sugiro às autoras reverem espaçamentos antes e após as informações da página inicial, bem como antes e após os subtítulos.

AVALIADOR 2

Parecer favorável para apresentação e publicação.

Trabalho bem escrito, que apresenta a sequenciação e organização solicitada, bem como aborda um tema importante para as discussões linguísticas desenvolvidas no Brasil.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela Equator Network, consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Agradecimentos

FAPESP, processo 2022/02550-0 – Projeto Inicial – Auxílio à Pesquisa

REFERÊNCIAS

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. SP: Martins Fontes, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis* XXIX. 2, p. 151-177, 2005.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B. et al. (Edd.). *Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997, p.43-79.

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter; 1997.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita. Algumas questões. In: Rojo R. (Org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras; 1998.

LONGHIN, S. R.; LOPES-DAMASIO, L. R. Construções relativas com traços circunstanciais: causa, condição e contraste. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, v. 18, n. 2, 2014.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para uma abordagem linguístico-discursiva da justaposição oracional: oral e escrito em práticas de letramento. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, v. 60, p. 287-317, 2016.

LOPES-DAMASIO, L. R. O movimento linguístico-discursivo na aquisição da escrita: uma abordagem dos mecanismos de junção aditivos na construção de sentidos no texto. *Filologia e Linguística Portuguesa (Online)*, v. 21, p. 147-170, 2019.

MAYRINK-SABINSON, M. L. Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita. In: Rojo R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras; 1998, p. 51-70.

OESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: FRANK, B. et al. (Eds). *Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997, p. 19-41.

PEZATTI, E. G., LONGHIN-TOMAZI, S. R. As construções coordenadas. In: Ilari R, Neves M. H. M. *Gramática do Português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008. p. 865-936.

RAIBLE, W. Linking clauses. In: HASPELMATH, M. et al. (Ed). *Language typology and language universals: an international handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2001. p. 590-617.

ROJO, R. Apresentação. In: ROJO, R. *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.